

## SIGNIFICADOS CORPORAIS NO FILME “SUBSTITUTOS” A PARTIR DA VISÃO SOCIOLÓGICA DE DAVID LE BRETON: UMA ANÁLISE SOB O “MANTO DE ARLEQUIM”

Gustavo da Motta Silva<sup>1</sup> e Sílvia Maria Agatti Lüdorf<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro- Núcleo de Estudos Sociocorporais e Pedagógicos em Educação Física e Esportes da Escola de Educação Física e Desportos (UFRJ/ NESPEFE-EEFD).

Correspondência para: [sagatti.rlk@terra.com.br](mailto:sagatti.rlk@terra.com.br)

Submetido em 5 de Abril de 2016  
Primeira decisão editorial em 20 de Abril de 2016  
Aceito em 7 de Junho 2016

### RESUMO

O objetivo da presente pesquisa foi analisar alguns significados relacionados ao corpo presentes no filme “Substitutos” a partir da visão sociológica do autor David Le Breton. O conteúdo do filme foi analisado a partir de três categorias utilizadas por Le Breton: “rito de passagem”, “aparência corporal” e “alter ego”. Os resultados apontam que embora o documento analisado fosse de caráter fictício, podem-se notar convergências com a realidade, principalmente no que se refere ao componente mercadológico associado ao corpo e à presença maciça das redes virtuais nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Corpo; Sociologia do corpo; Filme.

**CORPORAL MEANINGS IN THE MOVIE “SURROGATES” BY MEANS OF THE SOCIOLOGICAL VISION OF DAVID LE BRETON: AN ANALYSIS UNDER THE “HARLEQUIN MANTLE”**

Gustavo da Motta Silva<sup>1</sup> e Sílvia Maria Agatti Lüdorf<sup>1</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal do Rio de Janeiro- Núcleo de Estudos Sociocorporais e Pedagógicos em Educação Física e Esportes da Escola de Educação Física e Desportos (UFRJ/ NESPEFE-EEFD).*

**Correspondence to:** [sagatti.rlk@terra.com.br](mailto:sagatti.rlk@terra.com.br)

*Submitted in April 5<sup>th</sup> 2016*  
*First editorial decision in April 20<sup>th</sup> 2016*  
*Accepted in June 7<sup>th</sup> 2016*

**ABSTRACT**

This research aims to investigate some meanings related to the body localized in the movie “Surrogates” by means of sociological vision of the author David Le Breton. The movie content was analyzed by means of three categories used by Le Breton: “passage rite”, “corporal appearance” and “alter ego”. The result show that although the document analyzed was not real, there are convergences with the reality, principally to the market components related to the body and its presence at the virtual networks nowadays.

**Keywords:** Body; Sociology of the Body; Movie.

*“No fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico”.*

David Le Breton (2006, p. 31)

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Ao analisar a literatura relacionada aos estudos voltados ao corpo observa-se que há um grande número de enfoques acerca do tema. No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, é possível identificar essa variedade de aproximações, com foco em algumas áreas, como por exemplo: Filosofia (ALVES, 2002; 2005; REVEL, 2005; ORTEGA, 2008; CASTRO, 2009), Antropologia (MAUSS, 2003; DAOLIO, 2007), História (LAQUEUR, 2001; LE GOFF & TRUONG, 2006; PORTER, 1992; SANT’ANNA, 2007) e Sociologia (BOLTANSKI, 2004; BOURDIEU, 2006; LE BRETON, 2004; 2006; 2011).

É fato que o corpo se tornou uma categoria interessante de ser utilizada e discutida justamente por possibilitar a abordagem de vários temas afeitos à contemporaneidade. Shilling (2007) argumenta que os estudos sobre corpo, sobretudo nas últimas décadas, proliferaram consideravelmente, não se restringindo à sociologia.

No campo da sociologia, mais especificamente, nota-se uma aproximação com outras áreas, também no que se relaciona à sociologia do corpo. Boltanski (2004) a compara a um ponto de encontro fictício e abstrato onde se reúnem especialistas das mais diversas disciplinas, para tratar da pluralidade de aspectos que envolvem o corpo em dada cultura, como os relativos aos hábitos, comportamentos e usos do corpo.

Para Le Breton (2006), “a sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da sociedade humana como fenômeno social e cultural [...], objeto de representações e imaginários” (p.7). Deste modo, o autor também ressalta que alguns campos da sociologia do corpo necessitam de outras raízes epistemológicas, pois enfatizam outros aspectos relacionados à corporeidade e ao corpo. Talvez por esses motivos, a sociologia do corpo represente um campo extremamente amplo e plural de análises e investigações.

Pluralidade essa que é percebida na própria relação entre o indivíduo e a sociedade, uma vez que o mesmo corpo que os torna “iguais” biologicamente, como pertencentes a uma espécie, também os torna diferentes socialmente (DAOLIO, 2001). Nas palavras de Le Breton (2006), a existência é corporal e “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (p.7)

Considera-se esse aspecto amplo e plural de olhares/reflexões como uma potencialidade e não uma limitação inerente à sociologia do corpo. Neste sentido, é importante empreender esforços para compreender as nuances da contemporaneidade e seus eventuais reflexos no corpo. Alguns autores se remetem a uma cultura somática, na qual o corpo adquire evidência e se torna objeto de enorme investimento simbólico, principalmente por ser central para a identidade pessoal (BOLTANSKI, 2004; ORTEGA, 2008). Soares e Fraga (2003) argumentam que as diferenças visualizadas no corpo podem resultar das próprias alterações ocorridas nos meios em que os sujeitos estão inseridos.

---

<sup>1</sup> Uma versão inicial do presente trabalho foi apresentada no XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte & V Congresso Internacional de Ciências do Esporte no ano de 2013. Desse modo, ressalta-se a originalidade do mesmo, uma vez o manuscrito sofreu alterações após o debate no evento.

Neste cenário de alta visibilidade do corpo, reside um paradoxo relativo às interpretações sobre o mesmo. Le Breton (2003) argumenta que, por um lado, o corpo adquire centralidade no cotidiano, podendo ser modificado, retificado e corrigido, conforme os anseios individuais e sociais. Em contrapartida, o corpo é supranumerário para algumas correntes da cultura cibernética, uma vez que se torna prescindível na realidade virtual, tendo em vista que favorece a criação de identidades múltiplas, muitas vezes não correspondentes à realidade.

Em um contexto eivado de complexidade, insere-se a presente tentativa de problematizar algumas das interpretações de corpo que coexistem atualmente. Neste caso, o intuito é de analisar algumas concepções e “mensagens”, presentes em um filme, a partir de determinado olhar teórico. Assim, reconhece-se que ao modo das revistas, músicas e imagens, os filmes são lugares pedagógicos que abordam o tema corpo, por vezes, de forma tão sutil que raramente as pessoas se percebem capturadas ou produzidas pelo que se apresenta (GOELLNER, 2005).

Apresentando opinião similar, Migliorin (2010) ao debater sobre as imagens presentes no cinema, aponta que as mesmas possuem aspectos que se relacionam com o mundo, uma vez que o cinema seria “uma operação de escritura com imagens afetadas pelo real” (p. 106). Desse modo, o cinema possuiria entrelaçamentos entre a ficção e a realidade.

O objetivo deste estudo, portanto, é analisar alguns significados relacionados ao corpo presentes no filme “Substitutos” a partir da visão sociológica do autor David Le Breton.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Compreendendo que não há uma teoria universalmente aceita sobre o cinema, mas sim um grande número delas diversamente fundamentadas, permitindo pensá-lo de diferentes formas (FRESQUET, 2007), não se pretende analisar nem utilizar nenhuma metodologia específica relacionada à teoria ou crítica ao cinema. Todavia, o filme foi concebido nesta pesquisa como um documento, sendo o principal instrumento de análise (POLLAK, 1989).

Cabe destacar que as categorias de análise utilizadas para analisar os filmes não são dadas e que o filme não é um apenas um material em que elas serão encontradas de forma mecânica. Contudo, perceber o filme como documento significa dar ao mesmo um tratamento orientado pelo problema de pesquisa proposto (PIMENTEL, 2001). Sendo assim, este estudo procurou notar, tal como destacada Bacellar (2008), os vieses do documento, percebendo e avaliando as suas possibilidades de uso, buscando lapidar o teor das informações e entendendo que o mesmo não é neutro e deve ser contextualizado.

O trabalho foi dividido em dois momentos, o primeiro foi a análise do filme “Substitutos”<sup>2</sup> visando identificar possíveis convergências com a literatura. Já no segundo momento, optou-se por selecionar um autor que pudesse subsidiar, de alguma forma, discussões sobre a temática abordada no filme com o intuito de encontrar ou formular categorias de análise.

O referencial teórico escolhido para fundamentar o estudo é o do autor francês David Le Breton<sup>3</sup> e suas reflexões sociológicas sobre o corpo. Deste modo, foram selecionadas quatro obras do autor para fundamentar o processo de análise<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> A ficha técnica completa do filme está nas referências deste trabalho.

<sup>3</sup> O autor é professor da Universidade de Estrasburgo II e possui várias obras, traduzidas em diversos idiomas, voltadas à corporeidade (LE BRETON, 2011).

<sup>4</sup> As obras escolhidas foram: “Adeus ao corpo: antropologia e sociedade” (2003); “Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais” (2004); “A sociologia do corpo” (2006); “Antropologia do corpo e modernidade” (2011).

### ***O Filme “Substitutos”***

O filme “Substitutos” é uma produção americana, dirigida por Jonathan Mostow e lançada em 2009 pela Buena Vista Home Entertainment. Classificado pelo gênero de ficção científica, o enredo central versa sobre aspectos de uma sociedade onde robôs e humanos possuem uma vida articulada. O ator Bruce Willis é o protagonista interpretando o Agente Geer, um policial com problemas familiares, encarregado de solucionar um novo caso de assassinatos em série.

A história do filme foi baseada em uma sociedade do futuro onde os robôs “substituíam” os seres humanos nas ações cotidianas. Com esta criação, as pessoas ficavam a maior parte do tempo em suas casas, sentadas confortavelmente em uma poltrona informatizada controlando seus “Substitutos”<sup>5</sup>.

A empresa responsável pela invenção apresentava constantemente soluções e propostas que revolucionariam a sociedade como, por exemplo, ficar em casa sem correr riscos, uma vez que o robô iria para rua e qualquer dano afetaria apenas a máquina, e não a pessoa que o controlava. Havia também inúmeras formas de alterar e personalizar a aparência do robô, bem como ampliar e potencializar suas ações e habilidades.

As alternativas eram cada vez mais variadas, visto que havia um mercado específico para os robôs, com lojas que trocavam e alteravam os detalhes anatômicos e salões de beleza específicos que trabalhavam modificando principalmente aspectos fisionômicos dos Substitutos. Acompanhando a evolução tecnológica houve também a criação de tecnologias ilícitas como drogas que eram utilizadas diretamente nos robôs.

Entretanto, toda comodidade e segurança representadas pelos robôs foram ameaçadas pela criação de uma nova tecnologia<sup>6</sup> que destruía o Substituto e retirava a vida de quem o estava controlando. Esta “quebra na segurança” fomentou as discussões de uma comunidade paralela formada por pessoas que não concordavam com a criação dos Substitutos<sup>7</sup>. A trama então, se desenrola a partir destes crimes e das conseqüências que acarreta naquele contexto, com ênfase na forma de investigação conduzida pelo Agente Geer e seu Substituto.

Sendo assim, o filme apresentou a criação de uma tecnologia singular e bastante complexa, pois apesar do Substituto ser uma máquina, suas ações não eram regidas por um computador, mas intermediadas por este. Logo, todas as representações e sentimentos do humano que estava no controle passavam diretamente para o robô na sua interação com o meio.

### ***Reflexões a partir da visão sociológica de Le Breton***

A partir do filme e da bibliografia consultada, optou-se por três categorias de análise que dialogariam com a temática do mesmo. A primeira categoria que emergiu foi “rito de passagem” (LE BRETON, 2004, p.184), a segunda foi “aparência corporal” (LE BRETON, 2006, p. 77) e por último a categoria “*alter ego*” (LE BRETON, 2011, p. 248).

Ao analisar os ritos de passagem<sup>8</sup>, Le Breton (2004) faz uma divisão entre dois tipos de sociedades. Para o autor, as mesmas podem ser divididas em tradicionais, caracterizadas

---

<sup>5</sup> “Substituto” era o nome dado ao robô controlado por cada pessoa.

<sup>6</sup> Esta nova tecnologia era uma arma que ao ser disparada contra o Substituto tinha o poder de entrar no sistema que o conectava ao ser humano, matando-o instantaneamente.

<sup>7</sup> Um aspecto interessante desta comunidade paralela era a grande concentração de idosos.

<sup>8</sup> Para Arnold Van Gennep, considerado um autor de referência nesse assunto, o rito de passagem “seria um período intermediário e temporário de incerteza e de crise, isto é, um interstício que possibilita o indivíduo refletir sobre a sua existência na sociedade” (SILVA e LÜDORF, 2012, p. 1108).

por seus rituais e forma de transmissão de conhecimento dos mais velhos aos mais novos, com ênfase no aspecto coletivo; e sociedades ocidentais<sup>9</sup>, caracterizadas pela cultura individualista, onde os ritos parecem ocorrer de outro modo<sup>10</sup>. O seguinte fragmento do autor apresenta como o mesmo concebe tal categoria a partir dessas sociedades:

Impõe-se uma analogia entre os ritos de passagem das sociedades tradicionais e as provas em que os jovens se submetem nas nossas sociedades através destes jogos simbólicos com o corpo. [...] Nas sociedades tradicionais as marcas nunca são um fim em si como o são nas nossas sociedades, acompanham de maneira irredutível os ritos de passagem dos quais são os traços definitivos, mostram a transposição de um patamar de maturidade pessoal, a passagem à idade adulta, o acesso a um outro estatuto social, etc. [...] as nossas sociedades contemporâneas são individualistas, fazendo do corpo um instrumento de segregação de um eu, que uma tal margem de manobra existe no arranjo de si. O corpo é nas nossas sociedades um fator de individualização, modificando-o modifica-se a sua relação com o mundo. (Idem, p. 184, 185 e 186)

Em vista disso, realizando uma comparação entre os ritos de passagem das sociedades tradicionais e as mudanças que os jovens se submetem nas sociedades ocidentais é possível afirmar que em diversas sociedades humanas os ritos de passagem podem estar relacionados às marcas corporais imbricadas a significados presentes em uma sociedade (LE BRETON, 2004). É nesta relação entre os ritos de passagem e as marcas corporais que se pretende dialogar com o filme.

Sabe-se, entretanto, que Le Breton não inaugura essa discussão sobre ritual e tampouco inscreve-se como um teórico que está alheio aos olhares antropológicos que essa discussão apresenta. Tendo em vista esses aspectos é importante evitar uma noção rígida e absoluta de ritual e buscar um olhar que extrapole o senso comum (PEIRANO, 2003).

Mesmo sabendo que o debate acerca da noção de ritual é bem mais complexo do que aparenta ser é válido salientar alguns aspectos. O sociólogo francês Émile Durkheim é um dos pioneiros a analisar a barreira entre ritual e religião defendendo que associação entre ambas não era obrigatória (PEIRANO, 2003). Já Marcel Mauss entendia a sociedade como um sistema formado por forças atuantes, cuja eficácia das ações e das crenças deveriam ser incluídos na análise para que fosse possível identificar os mecanismos de movimento e de reprodução da sociedade (IDEM).

Concluindo esse pequeno debate destaca-se também o papel dois antropólogos: o belga Claude Lévi-Strauss que revolucionou alguns paradigmas que estavam até então vigentes como certos evolucionismos e reducionismos (RODOLPHO, 2004) e de um dos mais conceituados especialistas de ritual desde a década de 1970, o escocês Victor Turner (PEIRANO, 2003). De acordo com as concepções do primeiro tanto os ritos quanto os mitos estariam atrelados à condição humana, ou seja, ao viver e ao pensar (RODOLPHO, 2004) e, conforme o segundo, os ritos de passagem estariam para além do status e da posição social, abarcando estados mentais, sentimentais e afetivos (PEIRANO, 2003).

Um aspecto a ser salientado sobre o enredo, é que embora a nova tecnologia tenha sido recebida de forma positiva por uns e negativa por outros, de certa forma, a utilização dos

---

<sup>9</sup> O autor denomina as sociedades ocidentais de “nossas sociedades”.

<sup>10</sup> As tatuagens, por exemplo, podem representar um rito de passagem para a maioria nas sociedades ocidentais.

Substitutos representou um rito de passagem principalmente para os que aderiram a essas novas “marcas corpóreo-tecnológicas”, que constituíam a maioria.

Já as pessoas que, por algum motivo, não concordavam com esta alteração foram distanciadas da sociedade, ocasionando a criação de uma comunidade paralela já abordada anteriormente, formada apenas por humanos, com uma grande quantidade de idosos, onde o ingresso de robôs era proibido. Le Breton (2004) destaca que em determinadas sociedades, algumas marcas legitimam uma pessoa perante seus membros e que a ausência delas descaracteriza a identidade do indivíduo. Neste caso, os Substitutos eram marcados essencialmente pela aparência e valorização de atributos físicos semelhantes, tais como: juventude, beleza, corpos atléticos e bem delineados, roupas e acessórios da moda. Em contrapartida, a comunidade paralela agregava diferentes identidades, mas que em conjunto, criava uma por destoar daquela presente nos Substitutos.

Goldenberg e Ramos (2002) acreditam que o corpo possui determinados valores responsáveis por identificá-lo em seus respectivos meios, ressaltando, também, a possibilidade de escolha dos indivíduos:

O corpo é um valor que identifica o indivíduo com determinado grupo e, simultaneamente, o distingue de outros. [...] O corpo, como as roupas, surge como um símbolo que consagra e torna visível as diferenças entre os grupos sociais. [...] Não se trata de ser um para os outros, e para si “ninguém”, uma vez que o fato da conduta, sentimento, auto-respeito e consciência individual estarem relacionados funcionalmente com a opinião interna de um grupo não significa sua anulação como indivíduos, que pode escolher pertencer a este grupo e não a outro. (p. 38, 39)

Deste modo, no filme, utilizar o Substituto significava ser reconhecido como parte da sociedade, visto que aderira a um estilo de vida socialmente mais valorizado naquele contexto. Assim, os membros da comunidade paralela pareciam não possuir uma identidade por não possuir estas novas marcas corporais representadas pelos robôs. Além dessas características, essa comunidade também contrastava no que se relacionava à organização, pois possuía ambientes sujos e um gerenciamento questionável.

Sobre a categoria “aparência corporal”, Le Breton (2006) apresenta uma série de reflexões analisando os significados sociais presentes em uma apresentação física e identificando quais fatores os regeriam. Portanto, a aparência corporal corresponde:

[...] a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc., quer dizer, a maneira cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo de presença. [...] essa prática de aparência, na medida em que se expõe à avaliação de testemunhas, se transforma em um engajamento social [...]. (p.77)

Acompanhando a progressão tecnológica dos Substitutos, os meios para alterá-los física e estruturalmente também cresciam de forma copiosa. Havia, com isso, lojas que modificavam detalhes anatômicos dos robôs, alteravam sua voz ou até mesmo vendiam um novo Substituto, no lugar do já existente.

Os salões de beleza também exerciam um papel fundamental especialmente para as mulheres, realizando maquiagens, cortes de cabelo e alterando aspectos “subcutâneos” dos robôs, como por exemplo, era possível aumentar ou diminuir as protuberâncias abaixo dos olhos. Desta maneira, parece que os imperativos de beleza foram literalmente transplantados para os robôs.

Segundo Le Breton (2006), a aparência corporal possui dois constituintes, um deles de caráter provisório e associado às relações simbólicas com a sociedade e a cultura, representado pela maneira de se vestir e se apresentar; e o outro, possuidor de uma pequena margem de manobra, relacionado ao aspecto físico, altura, peso e demais atributos estéticos. Desta maneira, parece que os Substitutos acabaram se tornando um rascunho, como algo que está à disposição do ser humano (LE BRETON, 2003), no qual as marcas corporais não eram mais “escritas” em seus corpos, mas em um “quadro negro” informatizado e com o formato de uma pessoa.

Entretanto, as constantes preocupações com a manutenção da juventude e um corpo em forma era algo que não assombrava mais a população, uma vez que as facilidades para modificar os Substitutos auxiliavam os humanos neste aspecto. O corpo, então, como um lugar privilegiado do “bem aparecer” (LE BRETON, 2006) não provocava mais uma inquietação nas pessoas, pois elas teriam, se assim desejassem, um Substituto jovem e com excelentes qualidades físicas.

Por outro lado, os próprios sujeitos, ao despenderem a maior parte de seu tempo sentados em uma confortável poltrona controlando os Substitutos, eram sedentários e descuidados do ponto de vista da vaidade. Além disso, não interagiam praticamente entre si, apenas por meio dos Substitutos, o que, no filme, derrubava as fronteiras entre a realidade e a virtualidade, ao passo que nos impõem a necessidade da reflexão sobre o caráter supranumerário do corpo, conforme apontado por Le Breton (2003).

Um exemplo que pode ilustrar este aspecto é o relacionamento do personagem principal com sua esposa. Ambos moram no mesmo apartamento, mas em raríssimas ocasiões se encontram efetivamente, visto que cada um comanda o respectivo Substituto de seu próprio quarto. Na realidade virtual eles são relativamente próximos um ao outro, extremamente bem cuidados com a aparência e dinâmicos. Entretanto, na vida “real”, possuem aparência frágil e desleixada, cabelos grisalhos e despenteados, uma postura cansada, características essas ocasionadas, também, pela morte do filho do casal em um dado momento no passado.

Este cenário retratado na película, em certa medida, foi antecipado na análise de Le Breton (2003) sobre a influência da cibernética na sociedade, onde em muitos casos, se apaga a distinção entre a simulação e o real, além do corpo ser considerado um estorvo. Nas palavras do autor:

A navegação na Internet ou a realidade virtual proporciona aos internautas o sentimento de estarem presos a um corpo estorvante e inútil ao qual é preciso alimentar, do qual é preciso cuidar, ao qual é preciso manter etc, enquanto a vida deles seria tão feliz sem esse aborrecimento. (LE BRETON, 2003 p. 24)

A última categoria a ser contemplada neste estudo, denominada *alter ego* é caracterizada por apresentar uma das dualidades relacionadas ao corpo, discutidas por Le Breton (2011)<sup>11</sup>. Para o autor, o corpo *alter ego* é transmutado em substituto da pessoa e esta

---

<sup>11</sup> Outro exemplo de dualidade apresentado por Le Breton é a dualidade entre corpo e mente.



desempenha o papel de piloto, marcando assim uma dualidade entre a pessoa e seu próprio corpo.

Pretende-se com esta análise propor a criação de outro dualismo que emergiu a partir do filme através do conceito de *alter ego* ou “outro eu” que é o de corpo/robô. Este dualismo distingue-se do dualismo cartesiano corpo/máquina<sup>12</sup>, uma vez que o Substituto não representa um corpo completamente descentrado da pessoa, mas sim um artefato tecnológico extremamente complexo, diretamente conectado ao ser humano possuindo seus sentimentos e memórias.

Deve-se ressaltar, que se na concepção cartesiana, o corpo era uma “realidade acidental, indigna do pensamento” (LE BRETON 2011, p. 107), no Substituto o corpo era uma realidade necessária, primordial para o seu funcionamento. A influência do conceito de corpo *alter ego* na criação do conceito corpo/robô pode ser vista neste trecho:

O corpo alter ego não muda em nada a dessimbolização de que o corpo é objeto; ao contrário, ele o testemunha sobre outra forma, mas *psicologizando a matéria* [...]. Ele favorece o estabelecimento, na escala do indivíduo, de um campo de relação com o outro. *A simbólica social lá onde ela falta, tende a ser substituída pela psicologia.* (Idem, p. 255, grifo nosso)

Logo, a influência do corpo “*alter ego*” para a constituição do conceito de corpo/robô é no caráter psicológico, responsável por construir sentimentos e emoções humanas que permeavam o “corpo” dos Substitutos. No que se relaciona a essa articulação entre a mente e a máquina, Ortega (2008, p. 218) comenta o fato de se pensar uma vida puramente mental, onde se transferiria a mente para um computador, criando uma sociedade pós-humana ou pós-orgânica.

Outra forma de analisar esse tipo de sociedade e, além disso, a articulação entre corpo e tecnologia, também é vista na literatura como algo que irá gerar um corpo híbrido (ZOBOLI *et al.*, 2013), ou seja, uma mistura entre o biológico e o mecânico. Ao discutir sobre esse corpo híbrido, Goellner e Silva (2012) salientam que a fusão entre o homem e a máquina causa uma fissura nas fronteiras entre o natural e o artifice, propiciando a emergência do *cyborg*<sup>13</sup>, algo que para os autores seria um ser pós- humano.

O que está sendo colocado em pauta a partir dessa discussão não é um aprofundamento do que seria uma sociedade ou um sujeito pós-moderno, mas uma reflexão de como as “biotecnologias” e as “tecnobiologias” (ORTEGA, 2008) atribuem ao corpo uma característica maleável. Característica essa, percebida nos Substitutos em diversos aspectos, desde a substituição do corpo biológico por uma máquina durante o dia, até o grande número de customizações e novas tecnologias criadas para “incrementar” o uso dos robôs.

Sendo assim, esse corpo “*alter ego*” identificado nos Substitutos, também demonstrou estar associado a uma dualidade corpo/máquina repleta de particularidades e peculiaridades de uma realidade talvez não tão distante do tempo atual.

## CONCLUSÕES

A partir destas reflexões foi possível olhar sob o “manto de arlequim” (LE BRETON, 2011) e construir uma possibilidade de análise relacionada ao filme “Substitutos”, com base

<sup>12</sup> Esse dualismo também foi analisado e discutido por Le Breton (2011).

<sup>13</sup> Segundo Zoboli *et al.* (2013, p. 6), a palavra *cyborg* é: “a abreviatura de *cybernetic organism*”.

no referencial proposto. Na concepção original cunhada pelo autor, este olhar sob o manto significa discutir alguns saberes projetados sobre o corpo, como algo que possui zonas de sombra, imprecisões e abstrações, desse modo o artigo possibilitou discutir alguns pontos que porventura ainda estivessem obscuros.

Utilizou-se a categoria de “rito de passagem” para problematizar a forma como os Substitutos passaram a fazer parte da vida da sociedade e suas repercussões por parte dos que aderiram à tecnologia. Já os que não aderiram, por sua vez, perderam progressivamente suas identidades perante a sociedade apresentada no filme.

Optou-se pela categoria “aparência corporal” visando discutir as concepções de corpo presentes naquele meio social e foi possível notar que as representações de um corpo belo e jovem eram transpostas ou transplantadas para os Substitutos conforme os atributos físicos mais valorizados naquela sociedade.

Por último, selecionou-se a categoria “*alter ego*” com o intuito de analisar a complexa relação entre o ser humano e o Substituto, o que possibilitou visualizar que as ações também eram pautadas por um caráter psicológico relacionado aos sentimentos e às emoções dos indivíduos. Além disso, cabe destacar uma dualidade corpo/máquina eivada de particularidades, apontando para o fato de tanto o corpo biológico quanto o mecânico, possuírem características maleáveis e intercambiáveis, o que dificulta a distinção entre ambas.

Embora o documento analisado seja de caráter fictício, podem-se notar convergências com a realidade, principalmente no que se refere ao componente mercadológico associado ao corpo, ou ainda, à presença maciça das redes virtuais nos dias atuais.

Compreende-se que esse trabalho não esgota as possibilidades de interpretação sobre o filme e reconhece-se a importância de outras análises pautadas em referenciais distintos com o intuito de traçar novos olhares e reflexões acerca do tema.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. *Educação dos sentidos e mais*. Campinas, SP: Versus Editora, 2005.

ALVES, R. *Por uma educação romântica*. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. (org.). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BOURDIEU, P. O camponês e seu corpo. Tradução: Luciano Codato. Revisão: Fábria Berlatto e Bruna Gisi. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução Ingrid Müller Xavier; Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DAOLIO, J. A Antropologia Social e a Educação Física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Y; RUBIO, K. (Org.). *Educação Física e Ciências Humanas*. 1ªed. São Paulo: Hucitec, v. 1, p. 27-38, 2001.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. 12. ed., Campinas: Papyrus, 2007.

FRESQUET, A. *Cinema, infância e educação*. In: ANPED, 2007, Caxambú. Anais da 30ª Reunião Anual de ANPED, 2007.

GOLDENBERG, M; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M.(Org). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, p. 19-40, 2002.

- GOELLNER, S. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.(Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2.ed.Petrópolis: Vozes, p.28-40, 2005.
- GOELLNER, S.; SILVA, A. Biotecnologia e neoeugenia – olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, E.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LAQUEUR, T. Corpos, detalhes e a narrativa humanitária. In. Hunt, Lynn (org). *A história nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- LE GOFF, J.; TRUONG, N. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2006.
- MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, p. 399-422, 2003.
- MIGLIORIN, C. Cinema e escola, sob o risco da democracia. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 5, p. 104-110, 2010.
- ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- PEIRANO, M. *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, n.114, p.179-195, 2001.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15 1989.
- PORTER, R. A história do corpo. In: BURKE, P. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, p. 291- 326, 1992.
- REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.
- SANT'ANNA, D. Uma história do corpo. In: SOARES, C (org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas, SP. Autores Associados, FAPESP, p. 67-80, 2007.
- SHILLING, C. Sociology and the body: classical traditions and new agendas. *The Sociological Review*, v.55, n. s1, p. 2-18, May, 2007.
- SILVA, A.; LÜDORF, S. GENNEP, A. V. Os ritos de passagem. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011. *Pensar a Prática (Online)*, v. 15, p. 1108-1113, 2012.
- SOARES, C.; FRAGA, A. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Pro-Posições*, Campinas - SP, v. 14, n.41, p. 77-90, 2003.

SUBSTITUTOS. Direção: Jonathan Mostow. Produção: Max Handelman; David Hoberman; Todd Lieberman. Roteiro: Michael Ferris; John D. Brancato. Intérpretes: Bruce Willis; Ving Rhames; Rosamund Pike; Radha Mitchell; Michael Cudlitz; Helena Mattson. [S.I.]: Buena Vista Home Entertainment, son., color., 1 filme (104 min), 2009.

ZOBOLI, F. ; MEZZAROBA, C. ; QUARANTA, A. M. ; CORREIA, E. S. *O corpo híbrido: análise midiática da participação do atleta Oscar Pistorius no mundial de atletismo de 2011*. In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Brasília, Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte, p. 1-14, 2013.